

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPITALISMO E A PANDEMIA

Jairo Marchesan¹

RESUMO: Este artigo, tem, dentre outros objetivos, ampliar a compreensão da organização e do funcionamento do modo de produção capitalista, bem como analisar o seu processo de atuação e as suas consequências atuais, especialmente no contexto da pandemia decorrente do Coronavírus. Metodologicamente, ampara-se na literatura, especialmente, do filósofo e sociólogo italiano, Maurizio Lazzarato. É um estudo descritivo, reflexivo e analítico de considerações sobre o modo de produção capitalista e seus desdobramentos no atual cenário socioeconômico mundial, e na relação desse modo com as questões vinculadas à pandemia. Esta produção evidencia, também, os sinais dos limites ou da insustentabilidade econômica, política e ambiental do modelo de produção capitalista. Além disso, ressalta a incapacidade e desinteresse dos capitalistas em contribuir na resolução dos problemas gerados, a omissão ou negligência dos Estados Nacionais e as consequências e as possibilidades do contexto pandêmico sobre a sociedade. Por fim, aponta que a sociedade humana tem a necessidade de estabelecer relações sustentáveis consigo e com a natureza.

Palavras-chave: Capitalismo. Estado. Pandemia. Desafios.

ABSTRACT: This article has, among other objectives, to broaden the understanding of the organization and functioning of the capitalist mode of production, as well as to analyze its action process and its current consequences, especially in the context of the pandemic resulting from the Coronavirus. Methodologically, support itself on literature, especially, of the Italian philosopher and sociologist, Maurizio Lazzarato. It is a descriptive, reflective and analytical study of considerations about the capitalist mode of production and its consequences in the current world socioeconomic scenario, and in the relationship about this mode with issues related to the pandemic. It also shows signs of the limits or the economic, political and environmental unsustainability of the capitalist mode of production. In addition, it highlights the incapacity and lack of interest of the capitalists in contributing to the resolution of the problems generated, the omission or neglect of the National States and the consequences and possibilities of the pandemic context on society. Finally, it points out that human society needs to establish sustainable relationships with itself and with nature.

Keywords: Capitalism. State. Pandemic. Challenges.

INTRODUÇÃO

Compreender o processo de atuação do modo de produção capitalista e seus desdobramentos no campo político, econômico, ambiental e, atualmente, a pandemia decorrente do Coronavírus, é um desafio! Assim, este desafio de melhor compreender e analisar tais situações, constitui-se em um dos objetivos deste artigo. Para isso, as análises aqui propostas partem e amparam-se do/no artigo *É o capitalismo, estúpido!*, do filósofo e

¹ Docente do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado (UnC). E-mail: jairo@unc.br

sociólogo italiano Maurizio Lazzarato². O referido artigo foi publicado primeiramente em espanhol, em *Capitalismo y Pandemia* junto com 16 Ensaios publicados entre 21 de março e 16 de abril de 2020, pela Lobo Suelto (Anarquia coroada), em 8 abril de 2020. Originalmente, foi publicado no incluídos em a “Sopa de Wuhan”, *FilosofiaLibre*, 2020. O título da referida produção refere-se a uma expressão ou metáfora utilizada por James Carville, estrategista eleitoral de Bil Clinton, candidato à presidência dos Estados Unidos na eleição do ano de 1992. O autor da expressão queria enfatizar, atribuir ou referir-se ao sistema capitalista para criticar a gestão e a necessidade do Partido Democrata Norte Americano para derrotar George H. Bush. Na manifestação da mensagem, o emissor quis justificar que a economia mundial funciona movida pela lógica da ação do capital.

Assim, justifica-se, desde já, que este artigo utilizará *É o capitalismo, estúpido!*, de Maurizio Lazzarato, como o fio condutor, com o intuito de estabelecer diálogo, análises e interpretações com a temática. No entanto, é importante ressaltar que isso será feito sem depender, prender-se ou seguir rigorosamente as análises a partir de tal autor e da referida literatura. O título do artigo analisado denota perplexidade, advertência, e, ao mesmo tempo, é sugestivo para analisar o modo de produção capitalista hegemônico mundialmente. Isso porque toda sociedade humana mundial em suas relações sociais, políticas e econômicas, gravita ou vincula-se direta ou indiretamente ao referido modelo de produção. Da mesma forma, a utilização da expressão foi uma tentativa de justificar o “fim da história” e o “triunfo” do capitalismo em uma sociedade globalizada. Afinal, praticamente tudo depende ou gira em torno do contexto capitalista. É uma advertência para pensar, refletir, reconhecer que o capitalismo é um conjunto de elementos e sistemas econômicos operando simultaneamente, mundialmente e, de certa forma, ininterruptamente, para extrair, transformar produtos ou serviços, comercializar, consumir e descartar. Esses processos ocorrem sem levar em consideração o tempo geológico da natureza, os limites dos bens naturais, as condições e os seres humanos (MARCHESAN, 2007).

Portanto, está em curso o pleno processo extrativista, da plena produção e do intenso e sistemático consumismo. As consequências desse processo são a intensa

² Maurizio Lazzarato é sociólogo independente e filósofo italiano. Vive em Paris, onde realiza pesquisas sobre trabalho imaterial, ontologia do trabalho, capitalismo cognitivo e movimentos pós-socialistas. É cofundador da revista *Multitudes*, com o filósofo Antonio Negri.

exploração dos bens naturais e das vidas humanas, gerando como consequências mazelas sociais, ambientais e implicações sobre a saúde humana, tais quais doenças, epidemias e, mais recentemente, a pandemia do Coronavírus. Sendo assim, o capital em seus processos de produção da riqueza e reprodução é insaciável quanto à acumulação e ao lucro, para isso, atua na contínua busca e exploração dos bens naturais disponíveis. Diante disso, questiona-se: quais os custos para manter tais relações mercantis? O que se produz e para quem? Esse modo de produção capitalista é e será sustentável social, política, econômica e ambientalmente? Essas e outras questões serão e precisam ser consideradas para a compreensão do processo de atuação do capitalismo. Afinal, o capital sempre é destrutivo das relações humanas e dessas sobre os bens naturais. Essas e outras questões permearão as discussões desta produção.

DESENVOLVIMENTO

A busca pela mínima compreensão da organização e funcionamento de algum agrupamento humano, normalmente, sempre é tarefa ampla e complexa. Afinal, envolve aspectos culturais, econômicos, sociais, políticos, dentre outros. Imaginem, para compreender a atual sociedade humana! Por isso, desde a sua constituição, é importante e necessário considerar aspectos políticos e principalmente econômicos. Nesta direção, para minimamente compreender a estruturação e o funcionamento, organização e a condução da maior parte da sociedade humana na contemporaneidade, especialmente na atualidade, é preciso contextualizá-la ao modelo de produção capitalista e suas contradições no, e ao longo do tempo e no espaço (MARCHESAN, 2007). O modo de produção capitalista constitui-se primeiramente na Europa - a partir dos séculos XVI e XVII - com a decadência do feudalismo. Posteriormente, foi se expandindo para outros continentes e, atualmente, é hegemônico mundialmente (BRUM, 2005). Ao longo da sua história, esse modelo passou pelas fases comercial, industrial, financeira e, recentemente, alguns autores o denominam de informacional. Historicamente, independente da fase, assim caracteriza-se: propriedade privada; tem como fim a obtenção do lucro; prevalência da acumulação; exploração das pessoas entre si e destas sobre a natureza; a formação de uma pirâmide de estratificação ou divisão social (base larga, formada pela maioria da população desprovida dos bens materiais e culturais - proletários ou trabalhadores, e fina ponta, composta por uma

minoria (elite) dona dos meios de produção), dentre outras. Além disso, o capitalismo induz e estimula crescentes incentivos ao consumismo, ao individualismo etc. (CATANI, 1986).

Embora não seja a pretensão deste artigo fazer uma historiografia do processo de constituição e expansão do modo de produção capitalista, é oportuno resgatar e apresentar brevemente algumas situações ou crises na lógica de acumulação, reestruturação e reprodução do referido modo de produção ao longo do tempo. Decorrente deste modo de produzir, distribuir e consumir, ocorrem os conflitos, impasses, inseguranças, instabilidades e crises sociais, políticas e econômicas da sociedade mundial entre si. Por isso, é importante vinculá-los e relacioná-los, inicialmente, ao processo de constituição e operação do modo de produção capitalista mundial. Para compreender o capitalismo e suas crises, Lazzarato (2020) faz referência ao economista egípcio Samir Amin (1931 - 2018), que percebe o referido modo de produção a partir do Sul do mundo. Assim, a primeira “longa crise” do capitalismo ocorreu de 1873 a 1890. A resposta do capital a esta primeira longa crise, que não foi apenas econômica, ocorreu por meio da estratégia tripla: concentração/centralização da produção e poder (monopólios), expansão da mundialização (globalização) e financeirização que impôs hegemonia por via da produção industrial. Para o autor, a globalização significa colonização. De fato, todos os processos de colonização representaram e representam maneiras, bem como possuem características de globalização. Historicamente, os processos de colonização se manifestaram pela subjugação de povos (civilizações), desde os tradicionais sistemas de escravidão sustentados majoritariamente pela violência até à servidão moderna – trabalho assalariado e precarizado, além da exploração de bens naturais, dentre outros métodos utilizados para a execução nos territórios colonizados.

Ainda na época da primeira crise do capitalismo, “o capital tornou-se um monopólio, tornando o mercado seu apêndice” (LAZZARATO, 2020, p. 01). Ou seja, para Lazzarato (2020), o capital é um dos grandes concentradores, controladores e operadores do sistema capitalista. Desta maneira, a produção, a distribuição e o consumo são operados por relações mercantilistas. Por isso, justifica-se o capital na condição de monopólio, sendo que o mercado atua no processo de operação ou execução do sistema. Nesse contexto, esse modelo de capitalismo marcou profunda ruptura com a Revolução Industrial. Afinal, a financeirização produziu enormes rendas e os dois impérios coloniais da época, Inglaterra

e França, foram favorecidos política e, principalmente, economicamente. Desse modo, os monopólios se expandiram mundialmente por meio de guerras de conquista (colonialismo) e imperialismo com intensa exploração humana e dos bens naturais. Dito de outra maneira, os crescentes lucros e rendimentos provocaram a polarização dos ganhos e patrimônio de alguns países, uma superexploração dos povos colonizados e exacerbada concorrência entre imperialismos nacionais. No entanto, esse período (1890 - 1914), denominado de *Belle Époque*³, caracterizou-se pela acumulação, reprodução, expansão do capital, mas, também, como um período de contradições e que resultou na Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918).

No cenário capitalista mundial sempre é oportuno reconhecer a quebra da bolsa de valores dos Estados Unidos que gerou a crise capitalista de 1929. De igual modo, citar a reorganização capitalista por meio da Conferência de *Bretton Woods*⁴, ocorrida em julho de 1944, na cidade do mesmo nome, nos Estados Unidos da América, também se torna conveniente. Para Lazzarato (2020), a segunda grande ou longa crise capitalista mundial ocorre a partir dos anos de 1970, mais precisamente entre os anos de 1978 a 1991. Segundo o autor, nessa época ocorreu a decadência das taxas de crescimento dos lucros e investimentos pela metade, se comparadas ao período pós-guerra; ocorreram crises não apenas econômicas, mas também políticas devido ao ciclo de lutas no Ocidente e revoluções socialistas, dentre outras. Diante disso, o capital responde à queda no lucro com uma maior concentração de comando na produção, globalização e financeirização, capaz de garantir enormes lucros aos monopólios e oligopólios⁵. Ou seja, o capital responde novamente com a estratégia do século passado: concentração, globalização e financeirização. Então, a retomada econômica ocorreu, também, pela operação dos

³ É uma expressão de origem francesa e que significa “bela época”. Foi o período de 1871 a 1914, caracterizado por invenções (telefone, automóvel e outros), dinamismo e expansão científica e cultural etc.

⁴ Na referida Conferência, foram estabelecidos alguns objetivos para recuperar ou reconstruir a economia mundial pós-Segunda Guerra Mundial. Dentre as principais medidas, destacaram-se: estímulo ao consumismo, equivalência de valor entre a moeda do dólar e o ouro, construção das agências financiadoras - Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BIRD) - consideradas as “enfermeiras do capitalismo” (BRUM, 2005).

⁵ Os oligopólios são “financeirizados”, o que não significa que um grupo seja constituído simplesmente por empresas financeiras, seguradoras ou fundos de pensão que operam em mercados especulativos. Os oligopólios são grupos que controlam grandes instituições financeiras, bancos, seguros, fundos de pensão e grandes entidades produtivas. Eles controlam os mercados monetário e financeiro que têm uma posição dominante em todos os outros mercados (LAZZARATO, 2020, p. 11).

oligopólios, os quais passaram a controlar todo o sistema de produção, mercados financeiros e cadeias de valores.

Um dos setores oligopolizados foi e é o da agricultura industrial, atualmente denominado agronegócio. Neste sentido, a atividade agrícola deixou de ser produtora de alimentos para nutrir as populações humanas e foi convertida em produtora de *commodities*: dentre outras características, de produtos para serem comercializados - comprados ou vendidos. Os preços desses normalmente são regulados de acordo com a oferta e a procura, regidos pelo “apêndice do capital”, o mercado. Sobre isso, assim se manifesta Lazzarato (2020, p. 03):

A agricultura industrial, uma das principais causas da explosão do vírus, oferece um modelo de operação da nova centralização do capital pelos “oligopólios generalizados”. Por meio de sementes, produtos químicos e crédito, os oligopólios controlam a produção nos estágios iniciais, enquanto nos estágios posteriores a eliminação de produtos podres e preços não é determinada pelo mercado, mas pela grande distribuição que os fixa arbitrariamente, privando pequenos agricultores, independente de alimentos.

A industrialização da agricultura iniciou ainda na década de 1970 por meio da “Revolução Verde”⁶, e intensificou-se nas últimas três décadas, principalmente (BRUM, 1985). Esse processamento ocorreu por meio de intensos e extensos processos de desmatamento, queimadas, utilização de sementes melhoradas geneticamente, utilização de agroquímicos (inseticidas, pesticidas, fungicidas), produção de artefatos agrícolas por meio de monoculturas, gerando, com isso, enormes impactos ambientais. Embora sendo histórica a relação de exploração dos bens naturais para atender aos interesses humanos de acumulação, a partir da contemporaneidade, e mais especificamente na atualidade, há uma intensa e extensa escalada de exploração dos bens naturais. Segundo Gonçalves (2004, s.p.), “nunca se falou tanto em meio ambiente e/ou das questões ambientais como nos últimos anos. Porém, nunca se destruiu tanto como nos últimos trinta anos”. Esse

⁶ ... a chamada “Revolução Verde” foi um programa que tinha como objetivo explícito contribuir para o aumento da produção e da produtividade agrícola no mundo, através do desenvolvimento de experiências no campo da genética vegetal para a criação e multiplicação de sementes adequadas às condições dos diferentes solos e climas e resistentes às doenças e pragas, bem como da descoberta e aplicação de técnicas agrícolas ou tratamentos culturais mais modernos e eficientes. Através dessa imagem humanitária, ocultavam-se, no entanto, poderosos interesses econômicos e políticos ligados à expansão e fortalecimento das grandes corporações a caminho da transnacionalização (BRUM, 1985, p. 59).

autor, geógrafo, já no período de 2004, percebia e denunciava as contradições dos crescentes discursos ambientais, porém, contraditoriamente, ocorriam contínuas e extensas degradações ambientais.

Corroborando com o enunciado acima, Dowbor (2017, p. 17) complementa:

Nosso pequeno planeta está claramente sofrendo de um ataque viral chamado *homo sapiens*. Por vezes, da janela do avião, vendo do alto as manchas urbanas que se multiplicam na superfície da terra, cinza em cima do verde, me dá a impressão de uma doença que se espalha, como manchas que podem aparecer na nossa pele. A imensidão das áreas desmatadas, as numerosas colunas de fumaça que se erguem ao longe, fruto das queimadas, só reforçam esta impressão. Realmente, o mínimo que se pode dizer é que não estamos cuidando bem da nossa casa. Tal processo é decorrente, principalmente, do modo de produção capitalista, o qual se caracteriza pelas relações desiguais de poder político e econômico entre as classes sociais.

Na lógica desse modo de produção tudo pode ser transformado em mercadoria, como por exemplo a terra, a água, a fauna, a flora, e até órgãos e seres humanos. Fator que justifica a propriedade privada dos bens naturais, apropriação, comércio de água, de animais, tráfico de órgãos e de pessoas, além da escravidão, dentre outras. Sobre as contradições do sistema do agronegócio, assim se manifesta Lazzarato (2020): “o monopólio da agricultura é estratégico para o capital e mortal para a humanidade e o Planeta” (p. 03). Nesta mesma direção, continua dizendo que: “... o aumento da incidência de vírus está intimamente ligado ao modelo industrial da agricultura (e, em particular, à produção animal) e aos benefícios de multinacionais” (p. 03). Portanto, a destruição dos biomas mundiais por meio dos desmatamentos, queimadas, produção intensiva de vegetais e animais, está associada ao processo de industrialização da agricultura. Consequentemente, ocorrem desequilíbrios ambientais e impactos negativos à biodiversidade.

Para a operacionalização da industrialização da agricultura, que também faz parte da engrenagem capitalista, os Estados nacionais foram aliados do capital e estratégicos nos processos de execução ou implementação e consolidação do programa de modernização agrícola. Assim sendo, contribuíram decisivamente na forma de viabilizar e sustentar programas que consistiam em liberalizações e concessões de incentivos fiscais e econômicos à instalação de indústrias de implementos agrícolas. Essas, produtoras de

agrotóxicos e fertilizantes, promovem e concedem, através de dispositivos da legislação, políticas de créditos e subsídios, infraestrutura nas áreas de transportes, energia e comunicações, visando a expansão e consolidação do programa e do capital (MARCHESAN, 2003).

Em muitos países, os Estados nacionais serviram de agentes e como espaços de negociação para a reprodução e ampliação do capital, e de viabilização do capitalismo como modo de produção. Portanto, passaram a ser os mediadores, ou, então, às vezes, transformados de espaços ou “balcões de negócios” da/para a burguesia e do capital. Ou ainda, os foram utilizados como uma das ferramentas para a acumulação, reprodução e ampliação do capital. Infelizmente, como é de praxe, o capital se utiliza dos Estados e de seus aparatos para se reproduzir, explorar e acumular. Consequentemente, quem perde em todas as formas, inclusive em soberania, são os próprios Estados nacionais, e principalmente aqueles que operam o trabalho e produzem a riqueza: a maioria dos trabalhadores. Lazzaratto (2020), ao estabelecer relações do comportamento do Estado de bem-estar social com o capital desde o século passado com o presente, ressalta que:

O estado de bem-estar social no século XX foi objeto de lutas e negociações entre capital e trabalho, um instrumento fundamental para combater as revoluções do século passado e integrar as instituições do movimento trabalhista, depois das lutas das mulheres, etc. O estado de bem-estar contemporâneo, uma vez que as relações de poder são todas, como hoje, a favor do capital, tornou-se seu próprio setor de investimento e administração como qualquer outra indústria e impôs sua lógica de lucro aos da saúde, escola, pensões, etc. Mesmo quando o estado contemporâneo intervém, como nesta crise, o faz do ponto de vista da classe para salvar a máquina de poder da qual é apenas uma parte (LAZZARATO, 2020, p. 11).

Portanto, se antes - no século passado -, o Estado, de maneira geral, esteve a serviço do capital para esse se instalar e reproduzir com o pretexto de gerar trabalho e renda, atualmente, os Estados foram forçados a se retirar do protagonismo econômico, de agentes mediadores da regulação política para deixar o capital agir de acordo com seus interesses. Diante deste cenário, Lazzaratto (2020, p. 09) adverte:

Os Estados que deixarem de fazer os ajustes estruturais necessários para serem saqueados serão estrangulados pelos mercados e pelas dívidas ou declarados "impressionantes" por cavalheiros, como presidentes americanos que têm um número terrível de mortes em suas consciências.

A partir da década de 1970, em pleno processo de globalização política econômica mundial, ocorreu uma nova reorganização do capitalismo no mundo inteiro, a qual resultou no denominado neoliberalismo⁷. Trata-se de novas reorganizações político-administrativas e intervenções de desmonte ou desestruturação dos Estados Nacionais. Assim, caracteriza-se, basicamente, pela redução da participação do Estado na economia, no desmonte dos parcos avanços sociais de bem-estar social pela retirada de direitos e conquistas sociais, insistência na redução da participação do Estado na economia, maior liberdade de atuação das relações de mercado, ampliação da formação de corporações e da potencialização da economia financeirizada, dentre outras. Conforme Santos (2020, p. 05),

Desde a década de 1980 - à medida que o neoliberalismo se foi impondo como a versão dominante do capitalismo e este se foi sujeitando mais e mais à lógica do sector financeiro -, o mundo tem vivido em permanente estado de crise.

Deste modo, a globalização foi e é a expressão das “forças do mercado” (CHESNAIS, 1996). Para Chesnais (1996, p. 25),

Para os turiferários da globalização, a necessária adaptação pressupõe que a liberalização e a desregulamentação sejam levadas a cabo, que as empresas tenham a absoluta liberdade de movimentos, e que todos os campos da vida social, sem exceção, sejam submetidos à valorização do capital privado.

Nesta direção, no ano de 1989 ocorreu nos Estados Unidos o Consenso de Washington⁸. Dentre as recomendações do tratado aos Estados Nacionais, destacam-se as reformas, ajustes e austeridade fiscal (combate ao déficit das contas públicas); abertura comercial; política de privatizações; desregulamentação das leis trabalhistas, dentre outras. O geógrafo brasileiro, Milton Santos (1926 - 2001) foi um crítico desse modelo de globalização político-econômica conduzida pelo capital. Para o referido geógrafo, a

⁷ Pode ser definido como um programa político-ideológico-econômico voltado a viabilizar a superação da atual crise do capitalismo no contexto da nova etapa do processo de globalização (BRUM, 2005, p. 95).

⁸ Foi uma reunião de economistas, agentes financeiros e governo ocorrida no ano de 1989, na capital dos Estados Unidos. Na ocasião, o economista John Williamson apresentou um conjunto de medidas para serem aplicadas pelos países, principalmente os considerados subdesenvolvidos. Dentre as propostas: disciplina fiscal, priorização dos gastos públicos, reforma tributária, liberalização financeira, regime cambial, liberalização comercial, investimento direto estrangeiro, privatizações, desregulamentações e propriedade intelectual (BRUM, 2005, p. 104).

superação da atual “globalização perversa”, como afirmava, viria de baixo, isto é, dos movimentos da sociedade organizada e de todos os comprometidos com a construção de uma nova organização social, política, e principalmente econômica (SANTOS, 2000).

Segundo Santos (2000, p. 170), “esse mundo novo anunciado não será uma construção de cima para baixo, como a que estamos hoje assistindo e deplorando, mais uma edificação cuja trajetória vai se dar de baixo para cima”. Continua o autor:

As condições acima enumeradas deverão permitir a implantação de um novo modelo econômico, social e político que, a partir de uma nova distribuição dos bens e serviços, conduza à realização de uma vida coletiva solidária e, passando da escala do lugar à escala do planeta, assegure uma reforma do mundo, por intermédio de outra maneira de realizar a globalização (SANTOS, 2000, p. 170).

Atualmente, o modo de produção, distribuição e consumo mundial, concentra-se e é operado por algumas corporações ou multinacionais, também denominadas oligopólios, que praticamente são proprietárias dos meios de produção e dominam ou monopolizam todos os setores, desde os meios de comunicação, produção, distribuição até meios de especulação (bancos). Suas sedes e seus agentes ou acionistas, normalmente estão sediados nos ditos países desenvolvidos e detentores do poder político e econômico mundial; são as tais corporações que determinam como, onde, quanto e quem pode ou não produzir, distribuir e consumir. Portanto, o modo de produção e acumulação capitalista mundial é conduzido pelos interesses monopolistas das grandes corporações e, principalmente, pelo capital especulativo - rentistas - (bancos) e não pelos governos dos países. Deste modo, tem-se uma economia globalizada, monopolista, imperialista e financeirizada (DOWBOR, 2017).

A sociedade capitalista mundial atual convive com cíclicas crises sociais, políticas, econômicas, existenciais, ambientais, de saúde, dentre outras. Afinal, o modo de produção capitalista é contraditório: ao longo de sua história prometeu e promete oportunidades, trabalho, riqueza, bem-estar, felicidade... a todos, mas, ao longo de sua atuação, apenas uma minoria (elite) beneficia-se de suas condições e promessas. De igual modo, gerou e ampliou a estratificação social, acumulação da riqueza, geração e crescente aumento no número de famintos, desproveu a maioria da população ao acesso aos bens culturais e materiais, possibilitou a privatização dos bens naturais (da terra, da água, dos minérios,

...), da saúde humana, das condições de lazer etc. Portanto, decorrentes deste modo de produção, conseqüentemente tem-se problemas políticos, econômicos, sociais e ambientais.

Neste cenário, os países subdesenvolvidos continuam na condição de condenados a serem exportadores de matérias-primas, importadores de produtos manufaturados e repetirem as condições de dependência. Por isso, a compreensão dos atuais problemas precisa ser buscada na origem, no processo histórico constitutivo de suas sociedades, na política adotada historicamente pelas elites e seus governos, mas, também e sobretudo, pelo regime e pelos interesses de acumulação do capital internacional. Nesta direção, é oportuno relacionar o modo de produção capitalista a um dos maiores problemas mundiais enfrentados pela sociedade humana, que é a pandemia da moléstia do Coronavírus. Neste cenário, a população mundial está acossada pela fobia da doença. Além do medo de ser contagiada por essa enfermidade (Covid-19), há medos da falta de trabalho, do desemprego, da violência, da insegurança e intolerância política e religiosa, ameaças, perigos, falta de acesso aos bens naturais etc. Desse modo, viver na contemporaneidade implica constantes desafios, é conviver com crise, denominada por muitos autores de “crise civilizatória”. Milton Santos (2000) já advertia: “jamais houve na história um período em que o medo fosse tão generalizado e alcançasse todas as áreas da nossa vida: medo do desemprego, medo da fome, medo da violência, medo do outro” (p. 58).

Com isso, de acordo com Lazzarato (2020), especialmente diante da pandemia Covid-19, o capitalismo e os estados colocaram o sistema de saúde de joelhos. Para o mesmo autor, seguindo a lógica da nova gestão pública e organização dos hospitais de acordo com os fluxos *jus in time*, acarretaram tragédias na área da saúde em muitos países. Conforme os gestores da área de saúde, não pode haver sobra de leitos hospitalares, pois isto representa perdas para os hospitais e o sistema. No entanto, com a pandemia, justificou-se o fracasso de tais alinhamentos e práticas. Utilizando o exemplo francês, Lazzarato (2020, p. 04) afirma que

... foi desmantelado pela lógica contábil estabelecida na Administração Pública obcecada por uma tarefa tipicamente capitalista: otimizar sempre e, em qualquer caso, o dinheiro (público) para o que cada ação é uma imobilização inútil, adotando outro reflexo tipicamente capitalista: agir no curto prazo. Portanto, o Estado francês, perfeitamente alinhado com a

empresa, sem qualquer princípio de "proteção da população", está totalmente despreparado diante da atual emergência sanitária "imprevisível".

Na mesma direção, ao discutir as relações entre os sistemas de saúde e das empresas farmacêuticas, adverte:

Os setores da "saúde" não são governados pela lógica biopolítica de "cuidar da população" nem pela lógica "necropolítica" igualmente genérica. Eles são comandados por serem precisos, meticulosos, difundidos, racionais em sua loucura, violentos em sua execução, dispositivos para a produção de lucros e aluguéis (LAZZARATTO, 2020, p. 04).

Neste contexto, o monopólio dos medicamentos talvez seja ou represente uma das maiores injustiças, conforme afirma Lazzarato (2020, p. 05):

Com a financeirização, muitos oligopólios farmacêuticos fecharam suas unidades de pesquisa e estão limitados a comprar patentes de empresas iniciantes para ter o monopólio da inovação. Graças ao controle monopolista, eles oferecem medicamentos a preços exorbitantes, reduzindo o acesso aos doentes.

E, logo adiante, ainda afirma: "o problema não é a população, mas como salvar a economia, a vida do capital", e acrescenta de forma taxativa: "... é pura e simples especulação financeira" (LAZZARATO, 2020, p. 05). Neste contexto de plena pandemia, é impressionante a socialização de discursos produzidos e difundidos pelo capital por meio da classe média alta, também, o discurso reproduzido pela classe trabalhadora de que a economia não pode parar! Contudo, são os trabalhadores que, na busca da sobrevivência, na maioria das vezes, têm de se expor diretamente nas frentes de trabalho, muitas vezes em condições perigosas. Para isso justifica-se que a economia não pode parar, porém, a vida dos trabalhadores pode ou tem de ser submetida e até interrompida de acordo com os interesses econômicos capitalistas da exploração e de acumulação.

Será que a economia é mais importante que os seres humanos e a natureza? Seguramente, é uma guerra em que, nitidamente, os interesses econômicos capitalistas estão postos acima de tudo, e, evidentemente, acima da vida humana! Neste momento em que a Organização Mundial da Saúde (OMS), infectologistas, médicos sanitários, cientistas e especialistas da área da saúde recomendam o isolamento social como uma das formas de prevenir e/ou estancar, mesmo que parcialmente, a proliferação do vírus que

atinge a sociedade, muitos capitalistas, setores de Estado e, pasmem, até trabalhadores explorados defendem a continuidade das atividades econômicas a qualquer custo, sob o pretexto que a economia não pode parar!

No entanto, os que podem exercer o isolamento social devido a pandemia do Coronavírus, têm a possibilidade de perceber que é possível desacelerar o ritmo da vida, rever as condições de vivência, conceitos, práticas, atitudes e outros, entre pessoas e com a natureza. Assim, o tempo de pandemia possibilita, também, rever a condição humana, dentre os quais, os limites humanos, do capital e da natureza. Neste sentido, concorda-se com Santos (2020, p. 06) quando diz que:

Torna-se possível ficar em casa e voltar a ter tempo para ler um livro e passar mais tempo com os filhos, consumir menos, dispensar o vício de passar o tempo nos centros comerciais, olhando para o que está à venda e esquecendo tudo o que se queira, mas que só se pode obter por outros meios que não a compra.

Evidentemente, mais uma vez, a conta ou o ônus desta crise pandêmica deve recair sobre a maioria da população. De qualquer maneira, o que essa crise de saúde pública mundial (pandemia) nos ensina ou pode nos ensinar, mesmo que em alguns setores? Dentre tantas observações, constatações e ensinamentos é que podemos, devemos ou precisamos mudar nossas relações entre si e com a natureza. É um sinal e oportunidade para reposicionar ou redirecionar nossas relações de produção e consumo. É uma oportunidade, também, de rever a condição (possibilidades e limites) da vida humana. Dessa forma, concordamos com Santos (2020), quando explica que com a pandemia:

Cria-se [...] uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo. A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. É uma estranha comunhão de destinos (SANTOS, 2020, p. 07).

Além disso, é um tempo de enfrentamento com o grande capital, ou seja, de resistir ao círculo vicioso do consumismo, de viver e conviver em isolamento social, em família e em sociedade, de exercitar a paciência, tolerância, rever situações e relações de vida etc. É, também, oportunidade de rever hábitos e perceber que é possível viver com menos. Por isso, pode-se e deve-se pensar e agir na perspectiva da construção de novas relações

sociais, econômicas e políticas, como nos ensina Milton Santos: “cabe a nós fazer dessas condições materiais a condição material da produção de uma outra política” (TENDLER, 2006, s.p.).

Possivelmente, muitas relações de produção, distribuição e consumo serão significativamente diferentes pós Covid-19 se comparadas com as tradicionais formas ou maneiras exercidas até então. Haverá mudanças em muitos setores. No entanto, não se sabe ainda e claramente se serão para melhor ou para pior. Afinal, muitas destas mudanças dependerão do cenário e dos interesses geopolíticos mundiais. Evidentemente, algumas das mudanças, também poderão depender da capacidade de organização, aglutinação e vontade de setores da sociedade de participar e construir novas relações sociais, políticas, econômicas e ambientais. No entanto, é importante e necessário estar atentos aos cenários e realidades que se apresentam nos contextos global e local. Logo,

[...] devemos começar de novo, porque o fim da pandemia será o começo de duros confrontos de classe. Com base no que foi expresso nos ciclos de luta de 2011 e 2019/20, que continuam a manter diferenças significativas entre o Norte e o Sul. Não há possibilidade de recuperação política se permanecermos fechados na Europa. Entender por que o eclipse da revolução nos deixou sem nenhuma perspectiva estratégica e repensar o que significa uma ruptura política com o capitalismo hoje. Criticar os limites mais do que óbvios das categorias que não levam em conta as lutas de classe mundial. Não abandone esta categoria e, em vez disso, organize a transição teórica e prática da luta de classes para a plural (LAZZARATO, 2020, p. 11).

Por essas e outras advertências, cabe a reflexão e a organização da luta social, política e econômica na perspectiva de rever paradigmas e da necessidade da construção de novas relações da sociedade humana entre si e dessa com a natureza. Nesta perspectiva, concorda-se com o geógrafo Milton Santos (2000),

nunca na história da humanidade houve condições técnicas e científicas tão adequadas a construir o mundo da dignidade humana, apenas essas condições foram expropriadas por um punhado de empresas que decidiram construir um mundo perverso (TENDLER, 2006, s.p.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pretensão deste artigo não se reduziu apenas a fazer críticas ao modo de produção capitalista, mas, sim, questionar o modelo, o sistema ou a organização social, política e

econômica ou de produção, distribuição e consumo em que a sociedade humana está organizada e, com isso, sofrendo. Reconhecemos que, todos, cotidianamente, de maneira geral, de forma direta ou indireta, na luta pela sobrevivência, estamos envolvidos ou enredados no referido modo de produção e somos induzidos, conduzidos ou obrigados a fazer o jogo da plena produção, do pleno consumo e das relações capitalistas em curso.

Além disso, este modo de produção mostra os seus limites de insustentabilidade política, econômica, ambiental e agora na área da saúde humana. Assim como em outros tempos, mais longos ou recentes, infelizmente, essa não será a última crise societária, seja de saúde, econômica, ambiental ou outra. O capitalismo está e terá sempre novas crises. Se crises não houverem, fabricam-se, geram-se sempre novas para alguns se reproduzirem e acumular. Faz parte da lógica do processo de acumulação e da reprodução do capital. Evidentemente, esse deverá continuar com a sua tradicional e histórica lógica de produção, exploração, destruição, especulação e acumulação.

As atuais crises econômicas, políticas, ambientais e principalmente sanitária, devido a pandemia do Covid-19, são, majoritariamente, decorrentes do modo de produção capitalista. Ou seja, conduzidos pelo modo de produção em curso, em que a sociedade intervém demasiadamente na natureza, sem respeitar o seu tempo ou os seus ciclos. De igual modo, nos exploramos a ponto de não mais nos reconhecermos como humanos.

No entanto, apesar de se reconhecer a continuidade da geração de crescentes níveis de pobreza, insegurança, medos, angústias, ampliação da segregação humana, dentre outras, o período pós pandemia, poderá representar, também, oportunidades ao estímulo à sensibilidade e solidariedade humana. Para isso, é preciso estimular alternativas de relacionamentos mais harmoniosos com a sociedade e os seres humanos entre si, por meio de todas as formas possíveis, especialmente pela educação. Trata-se de fortalecer relações de solidariedade e cooperação e menos competitividade.

Os Estados poderão ser diferentes, comparados com o que historicamente ou principalmente nas últimas quatro décadas têm feito ou realizado. Ou seja, poderão ou deverão ser ou estar mais presentes, atuantes, atenciosos e prestativos às necessidades e aos anseios da sociedade, especialmente nas áreas da infraestrutura, tais como a saúde, educação, habitação, saneamento, transporte, dentre outras.

A superação de tais condições poderá passar pela urgente e necessária compreensão e apropriação do conhecimento e do reconhecimento da formação sócio histórica do modo

de produção capitalista. Bem como, pela mobilização e organização política das sociedades, seja por meio dos processos educativos, das organizações da sociedade civil, cooperativas, movimentos sociais, dos setores produtivos e de todos aqueles minimamente comprometidos com projetos de desenvolvimento endógenos, autônomos e democráticos em prol de uma sociedade sustentável.

REFERÊNCIAS

BRUM, Argemiro J. **Modernização da Agricultura: trigo e soja**. Ijuí. Ijuí: Ed. Unijuí, 1985.

BRUM, Argemiro J. **Desenvolvimento Econômico Brasileiro**. 24. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. Tradução Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.

DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo**. Por que oito famílias têm mais riqueza do que metade da população do mundo? São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

GONÇALVES, Carlos W. P. **Palestra para Pós-Graduandos em Geografia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**. Florianópolis: 04/05/2004.

LAZZARATO, Maurizio. É capitalismo, estúpido! **Lobo Suelto: anarquia coroada. 2020. Disponível em** <<http://lobosuelto.com/maurizio-lazzarato-es-el-capitalismo-estupido/>> Acesso em 24 abr. 2020.

MARCHESAN, Jairo. **A questão ambiental na produção agrícola: um estudo sócio-histórico-cultural no Município de Concórdia (SC)**. Ijuí: Unijuí, 2003.

MARCHESAN, Jairo. Homens e Natureza para o capital: o problema da água no espaço rural de Concórdia – SC. In.: SCHEIBE, Luiz Fernando e DORFMAN, Adriana. **Ensaio a partir de “A Natureza do Espaço”** (Orgs.). Florianópolis: Fundação Boiteux, 2007.

MARCHESAN, Jairo. **A água no contexto da suinocultura na Sub-Bacia do Lajeado dos Fragosos – Concórdia (SC)**. 2007. 315 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único a consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TENDLER, Sílvio. **Encontro com Milton Santos:** Mundo global visto do lado de cá. CALIBAN, 2006. Vídeo documentário.